

AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO COTIDIANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, SEUS PROCEDIMENTOS E REGISTROS: UMA CONSULTA ÀS PUBLICAÇÕES DA ANPED.

Daniela Azevedo de Santana **Vieira** – UNIRIO

Resumo

Este trabalho tem como objetivos compartilhar uma pesquisa de mestrado que encontra-se em andamento e apresentar resultados parciais considerando a consulta nas publicações da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPED, das últimas cinco reuniões nacionais, sobre as práticas avaliativas no cotidiano do ciclo de alfabetização, seus instrumentos de avaliação e registro. Foram escolhidos os Grupos de Trabalho Ensino Fundamental, Didática e Alfabetização leitura e escrita para realizar a investigação. Os resultados da consulta revelam a ausência de pesquisas que tratem dos procedimentos ou registros que são utilizados na avaliação praticada no cotidiano do ciclo de alfabetização, na perspectiva da promoção da aprendizagem.

Palavras-chave: avaliação, ciclo de alfabetização, procedimentos avaliativos, registro.

AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO COTIDIANO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, SEUS PROCEDIMENTOS E REGISTROS: UMA CONSULTA ÀS PUBLICAÇÕES DA ANPED.

Este trabalho tem o objetivo de compartilhar a pesquisa de mestrado que surgiu a partir da minha experiência como professora e orientadora pedagógica na rede municipal de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. Nos dezesseis anos de atuação nesta rede, sempre estive em contato direto com o Ciclo de Alfabetização e o seu processo avaliativo. O ciclo de alfabetização dessa rede abarca o 1º, o 2º e o 3º anos de escolaridade. A avaliação no seu ciclo de alfabetização é registrada bimestralmente pelos professores através de relatórios descritivos individuais sobre os alunos. Porém, a regulamentação do registro descritivo não garante que a avaliação não seja classificatória e excludente no processo de alfabetização. As diferentes concepções

sobre avaliação permeiam a realidade escolar. Para a produção desse registro as professoras podem usar a observação diária da participação da criança nas aulas/na escola, suas produções individuais, seu envolvimento nas propostas coletivas e também lançar mão de outros instrumentos avaliativos.

Segundo Villas Boas (2008), o uso dos relatórios seria uma possibilidade de organizar, sintetizar e bem aproveitar as diversas informações oferecidas pelos procedimentos avaliativos sobre as aprendizagens dos alunos de forma coerente para professores, pais e alunos. Mas o relatório pode ter função classificatória ou formativa. Ter a clareza de por que, para que, o que, quando e como registrar são fundamentais para decidir qual concepção de escola, de avaliação está sendo utilizada para a adoção do relatório. Isso poderá interferir diretamente sobre o que é considerado relevante sobre o seu processo de aprendizagem. É imprescindível lembrar que nada traduz completamente a complexidade e o dinamismo da aprendizagem e que a avaliação pode dar indicadores do que o aluno sabe, mas também pode partir de princípios falsos.

Nos últimos anos as avaliações em larga escala passaram a fazer parte da realidade das professoras e das crianças do início do Ensino Fundamental. Mesmo que tais avaliações possam não considerar os diferentes cotidianos das escolas, elas interferem nas suas demandas. A forma como os testes são realizados, suas matrizes de referência, seus descritores, seus tipos de questões passaram a fazer parte das discussões, das preocupações e das práticas de muitos professores. Sabemos da importância de discutir essas políticas, mas talvez também seja necessário dar protagonismo ao que é realizado pelos atores/autores da escola, em suas práticas avaliativas cotidianas.

A avaliação não deve estar estanque das demais práticas educativas e/ou da teoria. Torna-se difícil pensar em práticas transformadoras com avaliações reprodutoras, excludentes. Desconsiderar as diferenças existentes entre os sujeitos nas práticas avaliativas, não apaga essas diferenças.

A avaliação escolar em uma perspectiva formativa e emancipatória precisa refletir sobre o cotidiano escolar, para ser uma prática comprometida com a transformação dos sujeitos. Pensar em uma avaliação que não ignore a identidade cultural do aluno requer a legitimação dos saberes do outro. Tanto a professora quanto as crianças precisam estar envolvidos nesse processo de reflexão sobre os saberes e os não saberes, os erros e os acertos, as diferentes realidades e valores, a interação entre

diferentes. E essa prática é um desafio para todos que estão no cotidiano da escola (ESTEBAN, 2002).

Assim, o objetivo dessa pesquisa é discutir a relação entre o relatório descritivo e as práticas avaliativas cotidianas das professoras do ciclo de alfabetização da rede municipal de Duque de Caxias, identificando a função do relatório descritivo bimestral, analisando os conhecimentos/saberes que são considerados relevantes para registrar nesse documento e observando as principais características dos relatórios de cada ano do ciclo de alfabetização, uma vez que o relatório é um documento que acompanha a vida escolar do aluno como um registro sobre o que aquela professora/escola considera como aprendizagem naquele determinado momento da vida da criança. É uma escrita que pode carregar marcas sobre os saberes das crianças e dos próprios professores, sendo um registro significativo sobre o processo de construção do conhecimento, sendo um parecer com um roteiro que parece pré-determinado, semelhante a uma lista de conteúdos ou até sendo um registro que priorize as questões atitudinais. Esta reflexão sobre os complexos processos de avaliação da alfabetização através da discussão sobre os relatórios descritivos e alguns sujeitos que compõem esse cotidiano escolar faz-se importante.

No atual momento, a pesquisa encontra-se em andamento e este trabalho busca apresentar resultados parciais considerando a consulta nas publicações da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPED sobre *as práticas avaliativas no cotidiano do ciclo de alfabetização, seus instrumentos de avaliação e registro*.

Como os sujeitos, seus saberes e seus registros estão na centralidade da pesquisa, houve a opção por uma abordagem metodológica qualitativa. Através da escuta de professores e da observação do relatório realizado sobre os saberes dos alunos, há a possibilidade de encontrar algumas pistas sobre as concepções sobre avaliação que conduzem as práticas avaliativas dos docentes. Esta pesquisa inclui entrevistas semi-estruturadas com professores de cada ano do ciclo de alfabetização de uma escola da rede municipal de Duque de Caxias e análise dos relatórios escritos pelos mesmos, análise dos documentos que orientam e regulamentam a avaliação dessa rede municipal, abordagem histórica sobre o objeto da pesquisa e revisão bibliográfica em teses e dissertações, etapa ainda em processo, referente a temática da avaliação no ciclo de alfabetização. Um dos anais utilizados na revisão de literatura foi o da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação – ANPED, nas últimas cinco reuniões

nacionais. Foram escolhidos os Grupos de Trabalho Ensino Fundamental, Didática e Alfabetização leitura e escrita.

A temática pesquisada nas publicações da ANPED

As palavras-chave *avaliação e ciclos* foram utilizadas para realizar a busca. Dos duzentos e quarenta e três (243) trabalhos disponíveis nos GTs 04, 10 e 13, foram selecionados vinte (20) trabalhos, que foram agrupados por tema de pesquisa, com base na leitura do resumo. Após essa seleção, houve a leitura completa dos trabalhos. Havia; oito (8) trabalhos sobre ciclos; onze (11) trabalhos sobre avaliação tinham como objeto de pesquisa a avaliação no cotidiano, a avaliação em larga escala ou a avaliação do trabalho docente, em diferentes etapas do Ensino Fundamental; apenas um (1) trabalho que abordasse a avaliação no ciclo de alfabetização como um dos seus objetivos de estudo. De todos, apenas três trabalhos analisavam a avaliação pelo viés dos procedimentos e/ou dos registros utilizados pelos professores no cotidiano da escola.

SILVA (2011) lembrou os dois grandes paradigmas da avaliação ao analisar as práticas avaliativas da produção de texto: a somativa ou classificatória, que tem como objetivo principal determinar o nível de conhecimento do aluno, sem considerar as subjetividades e os modos diferentes de perceber a aprendizagem; e a formativa ou reguladora que é caracterizada por considerar o processo e por seus aspectos formativo e democrático chamado de reguladora ou formativa. Constatou que ainda há uma distância entre o saber acadêmico e a elaboração didática da sala de aula, incluindo a avaliação.

Ao analisar a implementação da avaliação formativa de um projeto interventivo do Bloco Inicial de Alfabetização - BIA, no Distrito Federal, VILLAS BOAS (2009) observou que ainda havia uma distância entre a avaliação formativa pretendida e a praticada, que não bastava tirar o uso de notas e inserir o uso de registros reflexivos, que era necessário mudar a lógica da avaliação praticada. O projeto interventivo tem o objetivo de corrigir o fluxo e de garantir a aprendizagem a todos os alunos dos três primeiros anos do Ensino Fundamental que formam o BIA. No projeto não se pretendia trabalhar com a lógica classificatória da avaliação, em que a dimensão técnica é extremamente valorizada, tendo os instrumentos/procedimentos de avaliação como eixo principal. Preconizava-se a avaliação formativa, em que outras dimensões do trabalho pedagógico, além da técnica, são valorizadas, como a social, a afetiva, a política e a ética. Porém, as possibilidades que o projeto oferecia não foram aproveitadas pela

escola nesse sentido. A pesquisa mostrou que para as práticas avaliativas formativas se concretizarem na escola não depende só dos professores. É necessário que os gestores também estejam envolvidos nesse processo de formação, preparando-se teoricamente para também romper com a fragmentação do regime seriado nos anos iniciais do ensino fundamental e criar a avaliação que promova as aprendizagens. A avaliação é realizada por professores na sala de aula, mas os gestores coordenam as práticas de toda a escola.

LUIS (2011) questionou a cultura da avaliação tão presente na escola de hoje, exercendo controle externo sobre o trabalho do professor, e trouxe o saber do professor através das suas práticas e convicções. Mostrou o movimento que professores faziam ao avaliarem a avaliação que realizavam com seus alunos, através da escrita sobre as suas práticas, cada uma sendo porta-voz do saber avaliar que foi desenvolvido com a experiência profissional. Buscou compreender através das representações e significações do professor, como ele avalia, o que avalia, por que avalia do jeito que avalia e por que avalia certos aspectos e não outros, ou seja, o que orienta e define as suas escolhas e práticas sobre avaliação; trouxe a avaliação com um papel decisivo na prática pedagógica, mostrando a relação da avaliação com o processo de autoformação do professor, que permite uma reflexão crítica e comprometida com o redirecionamento da sua prática.

Verifica-se por meio dos trabalhos analisados, a ausência de pesquisas que tratem dos procedimentos ou registros que são utilizados na avaliação praticada no cotidiano do ciclo de alfabetização, na perspectiva da promoção da aprendizagem. A dimensão técnica que também está presente em uma avaliação formativa e transformadora fica invisibilizada, como se ela não acontecesse nas salas de aulas. Será que acontece? Fica a questão para a pesquisa em andamento.

REFERÊNCIAS

- ESTEBAN, Maria Teresa. O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LUIS, Suzana Maria Barrios. Avaliação como princípio de desenvolvimento profissional docente a partir da escrita de diários reflexivos. In: 34ª Reunião Anual da ANPED, 2011, Natal. Anais-34ª Reunião Anual da ANPED, 2011.
- SILVA, Abda Alves da. Os professores e a avaliação da produção textual: entre concepções e práticas. . In: 34ª Reunião Anual da ANPED, 2011, Natal. Anais-34ª Reunião Anual da ANPED, 2011.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Virando a escola do avesso por meio da avaliação. Campinas, São Paulo, 2008.

_____. Projeto Interventivo no Bloco Inicial De Alfabetização. In: 32ª Reunião Anual da ANPED, 2009, Caxambu. Anais-32ª Reunião Anual da ANPED, 2009.